

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

*A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas*

INÊS OLÍMPIA LEIRO

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

SUMÁRIO

FITA LINDA

INÊS OLÍMPIA LEIRO

Nasceu em Sabará em 03 de abril de 1919. Filha de pai espanhol e mãe italiana. Refere-se a eles como pais rigorosos.

Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi no período de 1940 a 1943 como aluna e de 1944 a 1950 como instrutora.

Teve notícia do curso de enfermagem por meio de jornal. Submeteu-se a relação sem o conhecimento dos pais. Ao ingressar na EECC ficou como interna por um período de seis meses.

Depois de formada, trabalhou como instrutora na EECC e em hospitais. Cansada de trabalhar nos hospitais devido ao baixo salário prestou concurso para auxiliar de enfermagem no IAPI.

Posteriormente foi contratada como enfermeira no serviço público. Atuou como chefe de enfermagem nos ambulatórios. Trabalhou em postos de saúde até aposentar-se em 1980.

Considera ter vivido em uma época em que a sociedade tinha grande preconceito em relação ao profissional enfermeiro. Acredita que a profissão evoluiu nos últimos tempos.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Referência a sua origem; a infância ligada às atividades religiosas; o trabalho antes de ingressar na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC); a postura rigorosa de seus pais; o anúncio no jornal em relação a admissão à EECC; as provas realizadas para admissão; o preconceito da família e da sociedade; experiências vivenciadas pela entrevista no período em que morou no internato: normas rigorosas, a comida e as regras de etiqueta; as aulas teóricas e práticas; a carga horária do curso; o professor de fisiologia; a solenidade ao passar para a parte prática; as características da aula de anatomia e o primeiro dia de aula; a divulgação do curso de enfermagem no interior; bonde como meio de transporte; a punição e a suspensão de três dias; a falta de tempo; o trabalho no Pronto Socorro; os plantões; os cuidados com os pacientes acometidos por escaras; o estágio e os pacientes no hospital psiquiátrico; o estágio no Hospital Municipal e as atividades desenvolvida na maternidade; o estágio em Rio Acima.

FITA 1 LADO B

As palestras feitas na casa e a dificuldade financeira das famílias; estágio no Hospital São Vicente; trabalho desenvolvido pelas alunas nos hospitais; relacionamento das alunas com os funcionários e estudante de medicina; relacionamento com os professores e médicos; o trabalho no hospital de criança; as crianças acometidas por fogo selvagem; tuberculose; as dificuldades de trabalho no hospital; a desistência das alunas; Waleska Paixão; a aula de religião com o padre Negromonte; o estágio particular com uma paciente louca; a participação da escola em congressos; o sumisso da dona Primavera e Waleska Paixão; a formatura; o trabalho de instrutora na EECC; o concurso feito para auxiliar de enfermagem depois de formada; o trabalho de auxiliar de enfermagem no IAPI; a direção das irmãs e a saída de algumas alunas; o trabalho no INPS e no posto de saúde.

FITA 1 LADO A

FITA 2 LADO A

Participação em cursos, palestras promovidos pela ABEn; atividades após aposentadoria; a enfermagem vista hoje sob o ponto de vista da entrevistada; despedida.

FITA 1 LADO A

Geralda: Primeiro seu nome completo.

Inês: Inês Olímpia Leiro de Sousa.

G.: Inês...

I.: Olímpia Leiro de Sousa, depois que casou [risos]

G.: Leiro de Sousa. Quando que você nasceu, Inês?

I.: Em três de abril de 1919.

G.: E onde que foi?

I.: Sabará.

G.: Estado civil.

I.: Viúva.

G.: E filho?

I.: Um só.

G.: Inês, conta pra gente, é, um pouco da sua vida, da sua infância, da sua adolescência, da sua família, aquilo que você lembrar dessa infância, lá, onde que você nasceu.

I.: Eu nasci em Sabará. Depois meus pais vieram para Belo Horizonte (MG). E em Belo Horizonte nós ficamos morando na rua Jacuí e começou a igreja, né? Tinha igreja, igreja, tinha as irmãs, até tinha fotografia aqui, tinha as irmãs, os padres (a entrevista mostra as fotografias) e a gente ajudava muito na igreja pra, colégio das irmãs, né? Lá tem as irmãs que olham as crianças, então, a gente ajudava fazer barraquinhas, essas coisas e ia em casa pedir donativos, essas coisas. E... isso a gente fazia sábado, domingo às... trabalhava, trabalhava e eu trabalhava numa sapataria, depois numa camisaria. Eu era caseadera, né? Ganhava por peça, tá? E um domingo eu vi escrito no jornal, eu estava lendo o jornal num domingo e... era até meu dia de, de lavar louça, né? [risos] e eu fiquei toda a vida lendo jornal. Minha mãe era uma italiana muito brava, meu pai um espanhol muito bonzinho, né? Minha mãe que mandava nele [risos]. E então, a minha mãe ficou xingando, xingando. Eu lendo jornal e vi escrito a admissão à Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC). Eu

falei assim: “vou lá nessa escola!” Saí do serviço, menti, falei “eu vou ao médico.” Fui lá, cheguei lá na escola, era a dona Waleska Paixão que... estava dirigindo a escola.

Valda: Lá onde?

I.: Era... eu não me lembro muito bem não, mas... eu não tenho muita certeza não. Era um escritorzinho que tinha uma sala lá onde a gente ia fazer as provas, porque a pessoa podia fazer o curso de enfermagem sem ter o segundo grau, né? Só com o diploma de primeiro grau. Eu estava fazendo o segundo grau assim: eu trabalhava de manhã e à noite eu fazia o segundo grau, né? Eu estudava na escola profissionalizante. E eu tinha que, que... que trabalhar pra poder pagar o estudo, né? Por que filho de pobre é assim mesmo [risos] e cheguei lá na escola; a dona Waleska falou assim comigo: “você já chegou no dia e na hora. Tem que fazer a prova de Português.”

G.: Era o dia da prova?

I.: É. Então, fiquei lá e fiz a prova de Português. Depois fui estudar pra fazer a de Matemática e tinha que dá uma desculpa pra sair sempre do serviço pra fazer as provas, né? Ah, depois...

V.: E a família já estava sabendo que você estava fazendo as provas?

I.: Não, não sabia não. Ninguém sabia que eu estava fazendo as provas não. Porque eu sabia que minha mãe não iria querer que eu fosse enfermeira, né? Nem meu pai.

G.: Por que eles não iriam querer?

I.: Eles não gostavam, porque tinha... ia ficar junto de médico, né? Então, era essa coisa, né? Não queriam por isso, porque a gente iria trabalhar com médico.

V.: Por que era médico ou por que eram homens?

I.: Era por que eram homens, e naquele tempo a gente não ia ser secretária nem nada. A gente trabalhava era numa fábrica, minha mãe era assim, né? Por que na fábrica trabalhava muitas moças, né? E foi uma dificuldade enorme quando chegou o telegrama que eu tinha passado, né...

G.: Aí, eu fui lá falar com dona Waleska Paixão como que estava a situação. Mamãe não queria, né? Mas o papai falou que eu fizesse o que eu achasse que fosse melhor, né? Que tinha... ai então, a dona Waleska falou que ela me dava o internato, né? Que eu podia ir para o internato. Eu fui para o internato, não pagava nada, não pagava aula, não pagava internato, não pagava nada. E fiquei no internato durante uns seis meses.

Lá no internato, eu senti uma falta louca da minha casa, né? Por que sair da casa da gente pra ficar interna, internato era lá na Serra, olha aqui (mostra as fotografias), nesse lugar aqui.

G.: Mostrando a foto. Quem que são essas na foto?

I.: Essa do meio, acho que é dona Rosa Lima, né?

V.: Esta?

I.: Dona Rosa. Esta aqui sou eu. Essa aqui é Jurandir, acho que é Jurandir, não me lembro bem e a outra eu nem lembro quem é que é, essas duas.

G.: Seus pais conversaram com a dona Waleska Paixão? Eles a conheceram?

I.: Não, conheceram não. Meu pai me dava uniforme e me dava condução, né, fui conversar com meu pai, ele me dava uniforme e condução. Ele disse: “faz, o que você quiser.” Aí, eu fui pro internato, fiquei lá no internato e ia só aos domingos em casa. Agora, as outras que vinham do interior, elas passeavam aos domingos, né? elas iam conhecer a Pampulha (bairro de Belo Horizonte- MG), o Cassino, casa de dança, né? Essas coisas que estavam naquele momento é... o [charme, né]. Então, elas iam lá conhecer isso. Agora o internato era assim: dez horas da noite fechou, ninguém mais entra, né?

G.: Que...

I.: Aí, eu fiquei durante esses seis meses lá interna. Aí, depois eu fiquei em casa, ia só assistir aula, né? assistia as aulas até terminar o curso. Terminei o curso, fiquei em casa mais ou menos uma semana ou duas, quando recebi o telegrama me chamando que eu iria substituir dona Flora Mesentier, então, eu acha... achei esquisito, né? Eu tinha saí... acabado de sair e tudo. Cheguei lá falei “mas eu não, não vou ser professora aqui não.” Ela falou: “não, você vai só acompanhar as alunas.” Por que tinha que acompanhar as alunas, né? Já a aula de... as aulas na faculdade, as aulas eram na faculdade e um pouco era na escola, tinha aula na faculdade. E a anatomia é que era o bicho papão, né?

V.: Por que?

I.: Era feita lá na escola e o professor Alisson só chamava os estudantes pra ver que os... que na hora da prova, né? Pra ver que enfermeiras sabiam mais que eles, né? E a gente estudava tudo quanto era reentrâncias, saliência, tudo tinha aqueles nomezinhos

e a gente tinha que decorar aquilo tudo, né? As partes ósseas todas, a, as partes muscular, nervosa, venosa, tudo a gente aprendia lá nos cadáveres e foi muito engraçado o primeiro dia que eu entrei, foi engraçadíssimo por eu nunca tinha visto um homem nu, né? [risos] e cheguei lá, vi aquela porção de homem nu, né? Os cadáveres, né? E eu fui, sentei no banco e comecei a chorar [risos] aí o professor Alisson entrou e eu fiquei com medo das meninas contar por que eu estava chorando, mas elas não contaram não, sabe? Ele falou assim: “a senhora está com esse lenço aí no nariz, sabe, ele pensou que estava no nariz, achando que aqui fede, lá na enfermeira [risos] ao doente fedem muito mais. Falou assim: “a senhora pra ser enfermeira tem que suportar o mal cheiro.” Me deu uma aflição daquela [risos] e eu gostei da lição, né, porque eu ia ficar toda envergonhada se contasse porque que... [risos].

V.: Inês, quantos anos você tinha nessa época?

I.: Eu, eu formei em 1943, né? Eu devo ter entrado pra escola já bem velha, né? Não era mais novinha não, 1919, formei em 43... acho que eu formei com, com... vinte...

V.: Vinte e quatro anos.

I.: É, tinha vinte e quatro anos quando eu formei, né? Quer dizer que eu não era muito novinha não, né?

V.: Era novinha!

G.: Você entrou para a escola, para o internato em que ano? Você se lembra?

I.: Ah, não lembro não. Foi em [aqui mesmo na serra, aqui mesmo na serra].

V.: Quarenta que você entrou na escola?

I.: É, foi em quarenta.

V.: Onde que era o internato você se lembra?

I.: Na Serra, na Serra.

V.: Você se lembra da casa como é que era?

I.: Lembro da casa, até que não era... essa fotografia aqui (mostra a fotografia) foi tirada lá, né? Aqui só tinha dois pavimentos, três pavimentos e lá no internato era tudo muito rigoroso, né?

G.: Fala um pouquinho pra gente Inês, que você diz que ficou lá seis meses ou você acabou ficando o curso todo?

I.: Não, só seis meses.

G.: Só seis que você morou? Fala pra gente lá no internato quem que pagava e quem que não pagava pelo internato.

I.: Eu não me lembro, eu sei que eu não pagava, ela me deu de graça, né? Agora quem pagava, eu não sei se era os, os prefeitos onde ela ia que mandava o dinheiro, eu não sei se era as pessoas.

G.: Conta pra gente essa história da dona Waleska, da ida dela no interior. Como é que era?

I.: Ela viajava pras cidadezinhas ai, Mariana, esses lugarzinhos aqui perto, né? E conversava com o prefeito dos lugares, fazia reuniões também, né? Dizem que ela fazia reuniões, porque eu nunca fui, né? E as pessoas vinham e ficavam internadas porque ficavam no internato, né? E foi bom eu sair logo porque ia chegando mais gente que precisa do internato, né?

V.: Ela ia divulgar o curso no interior?

I.: Ela ia divulgar, como ela divulgou, eu achei foi no jornal, né?

G.: É, o fato, você achou no jornal e se interessou ou teve alguma outra situação, ou alguma pessoa influenciou você a fazer Enfermagem?

I.: Não, foi só isso, foi só isso. Eu já, eu já andava muito assim metida em fazer assim essas coisas de [graveto], igreja, né? Minha mãe muito religiosa, sabe como que esse povo italiano é muito religioso, né? Então, minha mãe ensinava a gente muita coisa de religião e explicava a gente muita coisa, era muito rigorosa, o que é seu, é seu, o que não é seu, é dos outros. Se a gente achasse um preguinho na rua, ela mandava a gente tornar a voltar, pôr o preguinho lá no lugar, entendeu? Muito rigorosa. Agora, ela não concordava muito não, não achava bom, achava que a gente ficava assim, num ambiente triste, né? Enfermeira fica assim, no hospital, num ambiente muito triste.

G.: Quem que morava o internato além das alunas? De quem que você se lembra?

I.: É morava, é, é. Dona Georgina que a gente chamava muito de Jojoca. Ela que fazia as... mandava a, olhava as empregadas fazerem as coisas, as professoras é que mandavam no internato, né? As meninas de vez em quando à noite, ela esquecia lá aberto, elas iam pegar lá alguma coisa pra comer [risos].

G.: Conta pra gente isso, como que era a comida?

I.: A comida era muito boa, mas a gente era muito vigiada na mesa. Se a gente sabia comer na mesa. Porque ia comer na mesa, (inaudível). Passava no lenço antes de tomar o, a aula, a forma.

V.: Quem é que era a professora da...

I.: Se a gente pega... se a gente pegava o garfo, faça tudo direito, por que se a gente não fizesse era chamada a atenção.

G.: Quem que, quem que ensinava essas regras de etiqueta?

I.: Essas regras de etiqueta, mais quem observava era a dona Primavera, né? Dona Primavera também morava lá no internato.

G.: Dona Georgina, dona Primavera, quem mais?

I.: E dona Waleska. Todas tinham seu quarto.

V.: Separados?

I.: Separados.

G.: E as alunas, como que era os quartos das alunas, os cômodos do internato?

I.: Os cômodos eram grandes e com muitas camas, eu ficava no internato, tinha onze camas no salão em que estava. Mas era muito divertido, sabe por que, a gente apagava a luz dez horas, né? Mas precisava de estudar, esperava dormir, tornava a ascender e ía estudar. E era muito bom por que a gente estudava assim, com todas, né? Junto, ou uma não sabia uma coisa, uma não entendeu, o professor falar aquilo, a outra ensinava, era bom demais (...) Agora o bonde era assim...

G.: Fala pra gente...

I.: Era bonde, naquela ocasião não tinha ônibus, era bonde, agora o bonde era assim: se a chefe chegasse, dona Waleska entrou no bonde, se a gente estivesse na frente pode passar pra trás, sem problema [risos].

V.: Se a mais velha chegasse tinha que dá lugar?

G.: Isso era no bonde ou em outros lugares?

I.: No bonde, em todos os lugares, todos os lugares.

G.: Era só em relação a diretora ou em relação ao, as alunas também, aos colegas?

I.: Era, aqui era assim, as alunas mais antigas também a gente... ajudava.

V.: Como que era o tratamento entre vocês, alunas?

Socorro.

I.: Não era assim, era sadio mas não era assim muito... íntimo não, né? Não era muito íntimo. Era [bem ambiental].

V.: Chamava de senhora?

I.: Senhora, dona fulana, né? Quando a gente ia falar qualquer coisa a respeito de uma pessoa, a gente também tinha que falar dona fulana.

V.: Mesmo no escondido?

I.: Não, no escondido a gente tratava diferente [risos].

G.: Fala pra gente um pouquinho mais de, das normas de funcionamento do internato, que a senhora lembrar.

I.: A norma, era essa, tinha que, só que, a, a gente era observada na, em tudo, na alimentação, na maneira de dormir, na maneira de vestir, né? Tudo isso era muito observado. Agora...

G.: E as punições, haviam as punições?

I.: Havia as punições sim. Uma vez eu cheguei atrasada e eu entrei, né? Por que você chegou atrasado não entra não, eu já estava atrasada e fui embora pra casa, fui, passei no parque e gangorrei de uniforme. Fiquei suspensa três dias. [risos].

V.: Quem foi que viu?

I.: Não sei quem é que viu. [risos]

V.: Alguém viu e contou.

I.: Alguém viu e contou. Até hoje não sei quem é que viu. [risos]

G.: Como...

I.: Só sei que eu cheguei no outro dia, já estava suspensa.

G.: Como que vocês faziam para namorar, pra passear, pra divertir? O que as alunas faziam?

I.: Ah, isso, pra namorar, pra divertir, a gente não tinha muito tempo de fazer isso não. Mais era estudar, é estudar e trabalhar, né? A gente trabalhava no Pronto Socorro, entendeu?

V.: Onde que era o Pronto Socorro nessa época?

I.: Era ali atrás do, na rua, acho que a Rio de Janeiro, né? Ali, ali atrás da igreja São José, ali que era o Pronto Socorro. Então, a gente era aluna e chefiava o Pronto Socorro.

V.: Não tinha outro profissional de enfermagem lá?

I.: Tinha outros, outros profissionais, mas que não era, eram homens e que não estudava, e que não passou por escola nenhuma de enfermagem. Era prático, né? Então, eles não olhavam direito os pacientes, né? E os pacientes eram assim: de manhã a gente tinha que visitar os acamados, né? A gente tinha que levar água para lavar o corpo, as mãos, né? A gente tinha que dar banho de, dar banho nas pessoas que estavam acamadas, né? Trocar roupa de cama, tudo.

V.: Nos homens também?

I.: Nos homens não. Uma vez só eu fiz curativo no, nos dois homens que me pediram, por que eles estavam com escaras, então, eu joguei assim, um lençol em cima deles, eles viraram e eu fiz o curativo, cortei aquelas carnes podres, chamei o, o médico pra olhar, pra indicar o que tinha que por no curativo, fui procurar aquelas rodas de borracha, né? Que usava antigamente, não sei se usa hoje em dia, fui procurar aquelas rodas de borracha pra por. Então, depois de um médico falou comigo: “Olha, isso não é da senhora não? Vou falar para o enfermeiro pra fazer”. Mas como ele tinha me pedido pra fazer, eu fiz, nos dois que estavam com aquelas escaras grandes, né? Ele falou assim: “olha, não faz nos homens, não porque é obrigação deles e eles que têm que fazer, mas eles deixavam, né?”

V.: Por isso que estava cheio de escaras?

I.: Por isso que estava cheio de escaras. E já chegavam de casa todo cheio de escaras, não é? Agora, era muito difícil trabalhar naquele tempo no Pronto Socorro, era com os estudantes, por que eles iam dormir e a gente ficava de noite de plantão e Pronto Socorro chega gente toda hora, né? E a gente tinha que ir lá no quarto chamar, os estudantes, né? Tinha uns que acordava e vinha logo, tinha outros que não vinham, né? E o caso urgente é uma coisa, né? Você tem que voltar e gritar e chamar, né? E a gente passava muito aperto, sabe? No Pronto Socorro, passava muito aperto. Quando chegava no carnaval, que a gente estava de plantão, era uma coisa horrorosa, por que chegavam muitos esfaqueados, né, chegava muita gente, assim, bêbado também. E era um problema aquele Pronto Socorro quando chegava no carnaval, né? Agora, a gente ia lá no Pronto Socorro por... fazer o tal de estágio e a gente tinha que fazer de tudo.

G.: Antes de falar um pouquinho mais no estágio, vamos tentar, assim, esclarecer pra nós como que eram as aulas, a parte teórica e a parte prática? Onde que eram, quem que eram os professores dessas aulas?

I.: Os professores da faculdade que davam aula na escola. Eles ganhavam, né? Da faculdade e ganhavam da escola.

G.: A escola, essa parte da teoria era dada em que lugar?

I.: Da teoria como?

G.: As aulas teóricas.

V.: Que os médicos davam?

G.: Que os médicos davam. Onde que eram?

I.: As aulas teóricas sei que davam sempre, eles davam a prática aqui, na, na escola, né? Agora tinha...

G.: No próprio internato?

I.: No próprio internato não. Tinha a escola, né? Que tinha as salas que o professor.

G.: Senhora lembra onde que funcionava essa escola?

I.: Não lembro mais onde que funciona essa escola.

V.: Não era no Hospital São Vicente?

I.: Não era no Hospital São Vicente não, não era lá. Eu não me lembro onde que funcionava ele.

G.: Tá. Então, tinha essas aulas teóricas que... senhora lembra dos... de quem que dava essas aulas, os professores?

I.: Eram os professores da faculdade.

G.: Quais as matérias? A senhora falou do caso da anatomia, que a senhora tinha lá, que a senhora, né? Teve aquele caso interessante. E de outras disciplinas que a senhora gostou mais, que chamou mais atenção? Como que era essas aulas teóricas?

I.: De tudo. O professor de fisiologia tinha de tudo, eram todas as matérias do curso médico reduzido e aplicado à enfermagem (...)

G.: É, algum professor assim que chama... chamou a atenção da senhora que, que a senhora gostou mais, que foi... que marcou mais a vida das alunas?

I.: É, era o professor de fisiologia, todo mundo gostava do professor de fisiologia, gostava, fazia muitas perguntas e ele era muito educado, ele respondia todas as

perguntas e, agora, a prova era escrita e oral. Oral vinha a turma toda assistir, né? A diretora vinha assistir a prova oral, a secretária vinha assistir a prova oral, né?

G.: Quem que era a secretária na época?

I.: Era a dona Primavera.

G.: É (...) além da (...) é...

V.: Os outros locais de estágio (...)

G.: Depois que terminavam a parte teórica, aí que vocês iam para a prática. Essa ida para prática, existia alguma solenidade para ir para a prática?

I.: Não, tinha sempre uma chefe que acompanhava. As alunas nunca iam, por exemplo, pra faculdade sozinha. Tinha sempre uma chefe acompanhando a turma.

G.: A imposição de insígnias, a senhora se lembra disso? Solenidade de imposição de insígnias?

I.: Lembro muito não.

V.: A braceira?

I.: A braceira.

V.: O véu?

G.: Passar da parte teórica para prática?

I.: É. Quando a gente passava pras práticas tinha uma solenidade, mas muito simples, tinha que entregar as braceira pra gente usar e tinha também que colocar uma.

G.: Toca?

I.: Toca.

G.: Como que era o uniforme? Fala pra gente.

I.: O uniforme era isso que está aqui (mostrando as fotos) quer vê, era isso que está aqui o uniforme. Era o sapato branco, a meia cor de carne, né? A roupa branca e que ficava a insígnia, este lenço na cabeça e este véu na cabeça.

G.: Como que vocês chamavam esse lenço? Era lenço ou véu? Que nome que vocês davam?

I.: É, véu. Usava véu, aqui ó, é isso aqui que foi a minha formatura.

G.: Bonita!

I.: A formatura foi isso. Eu lembre o que a gente usava isso também, esse broche aqui com o nome da escola.

G.: Depois que, aí, passando para a prática, senhora já estava falando do campo de prática. Senhora falou do Pronto Socorro, lembra de outro campo de prática?

I.: Lembro. A gente fez na maternidade, lá no Hospital São Francisco, né? A gente ia aprender a fazer parto, isso já era no último ano. Na última série a gente podia fazer parto. E, tinha o Hospital de louco que a gente ia visitar, o professor que dava a parte prática lá ensinava.

G.: Qual hospital que era?

I.: Era um desse hospital de doido que tem aí. Como é que se chama?

V.: Raul.

I.: Raul Soares.

G.: Raul Soares.

I.: É. O que mais impressionava a gente, a gente chegava no Raul Soares, né? Ficava impressionada de ver aqueles, aquelas, aquelas coisas todas, tinha que colocar as pessoas que ficavam furiosas, né? Pouca gente trabalhando e, as pessoas, e, a gente notava que as pessoas ficavam assim, muito desleixadas no hospital e, era muito pouca gente pra acompanhar, né? Muito pouco, não tinha por exemplo, enfermeira no hospital, não tinha enfermeira formada não.

V.: Onde que os pacientes ficavam?

I.: Os pacientes andavam, os melhores andavam. Outras ficavam nas repartições fechadas, né? E esses que andavam, eles andavam, uns andavam bem vestidos, outros sem vestidos, outros tiravam roupas quando vinha gente, né?

V.: Como que era o ...

I.: O professor levava a gente pra ver como que era o hospital, mas lá no hospital a gente não encontrava, não encontrava um enfermeiro diplomado no hospital, nem nada.

V.: Que ativi...

I.: Era só prática, assim...

V.: Que atividades vocês desenvolviam nesses, nesse hospital de psiquiatria?

I.: A gente só observava.

V.: Só observava?

I.: Só observava. Observava quando eles davam aqueles eletro-choques, né? Eles davam pra gente ver como é que era. Mas era, era só observação, a gente não fazia

nada disso não, era só observação, para ver como é que era. Tinha (...) tinha aquele hospital também que hoje ele se chama, o João XXIII, né? Que é da prefeitura a gente também era chefe do hospital, a gente comandava tudo, olhava tudo.

V.: O Hospital Municipal que você quer dizer...

I.: É, é. O Hospital Municipal.

V.: Senhora lembra como foi que a escola, foi para o Hospital Municipal? A convite de quem?

I.: Ah! Eu não sei, por que dona Waleska é que arranjava, né? Esses estágios, então, nós fomos lá no hospital, Hospital Municipal e, a gente era a enfermeira chefe, a gente guiava o hospital com as alunas, né? Tanta, tanta aquela parte assim de indigente, como a parte dos, entre [pagantes] lá, né? A gente e, a gente ajudava a fazer parto, (inaudível) do hospital, e olhava o berçário e o berçário era complicadíssimo. A gente tinha que, retirar as crianças todas para a alimentação depois tinha que ascender aquelas luzes para esterilizar, né? Violeta, e tinha que ter cuidado depois para apagar depois de um certo tempo por que as crianças vinham e podiam queimar, as crianças, né? Então, a chefe tinha que ficar de olho em tudo, né?

G.: Vocês, como alunas eram as chefes?

I.: Não tinha aí (inaudível), aí eu já era chefe.

G.: Já tinha formado nessa época?

I.: Já tinha formado nessa época, é, aí eu ia para o hospital.

V.: No seu tempo de aluna quem é que acompanhava vocês lá? Você se lembra?

I.: No tempo do hospital Municipal, não era não.

V.: Não era ainda não. Foi posteriormente?

I.: Foi posteriormente.

G.: Qual que era o meio de transporte de vocês para ir para os campos de estágio, do internato para o campo de estágio?

I.: A gente ia de bonde, ia de bonde, de bonde, depois veio os ônibus, a gente ia de ônibus. Era tudo computadinho, né?

V.: Mais algum lugar que vocês faziam estágio?

I.: Tinha. Teve em Rio Acima, né? Lá era pra aprender a chefiar eu já era chefe, tinha que ensinar a chefiar o hospital.

V.: Como que era lá em Rio Acima?

I.: Lá em Rio Acima era um hospital que era de [gandareba], né? Então, esse pessoal da [gandareba], ele tinha esse hospital. E o doutor Antonine Renzo é que era o médico chefe. E ele vinha pra Belo Horizonte e ficava a chefe aqui no hospital. Chegava aquelas pessoas com, por exemplo, uma [apictasia] no olho, a gente tinha que esterilizar e pegar a urina, tirar, né? Fazer o curativo, no outro dia ele tinha que ir lá para o Dr. Renzo aprovar ou não o que a gente tinha feito. Chegava parto também, a gente fazia parto. Eu estava aqui em Belo Horizonte. Era muito difícil, viu? Muito difícil, mesmo, e eu fui ficando muito agoniada de ficar naquele hospital, sabe como? E muito agoniada com a minha situação, que a minha situação era de substituta, né?

V.: Depois de formada?

I.: Depois de formada. A minha situação era de substituta. Nós tínhamos esse hospital e tínhamos o hospital que eu não me lembro.

V.: De tuberculose?

I.: De tuberculose, a gente tinha o dispensário. Então, quando a gente estava no último ano a gente pegava as fichas no dispensário e ia às casas pra... fazer palestra para as pessoas doentes. Então, você chegava lá era um quarto que era sala...

[FINAL FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

V.: Continuando...

I.: Como que você ia falar sobre separação, sabe? Separar as crianças no quarto, separar as vasilhas, separar os banhos e tudo, né? Se a pessoa não tinha nem uma bacia, a pessoa falava assim: “aqui não tem nem bacia pra banho. A gente lava tudo aqui é na torneira.”

V.: Tudo junto, né?

I.: Tudo junto, né? A gente escrevia àquelas ficha e devolvia pros dispensário dos médicos, pro dispensário.

V.: Em hospital vocês não faziam estágio de tuberculose?

I.: Não, não fazíamos.

V.: No hospital São Vicente, vocês faziam estágio nessa época?

I.: Fazia de criança, né? A parte de criança lá, a gente fazia.

V.: No São Vicente?

I.: No São Vicente não. Era um hospital de criança ali, era um hospital de criança ali pra aqueles lados, mas não era São Vicente, acho que não era São Vicente não.

G.: Na Santa Casa vocês faziam algum estágio?

I.: Na Santa Casa, fazia só de criança, na Santa Casa tinha estágio, mas eu nunca fiz estágio lá na Santa Casa não. Isso foi depois.

G.: Como que era o relacionamento das alunas, a senhora na época do curso, a senhora como aluna e as suas colegas com os funcionários dos hospitais?

I.: A gente tinha um bom relacionamento, né? Por que a gente trabalhava muito, fazia muito serviço no hospital. Então, agradava muito, o pessoal de limpeza a gente orientava muito na limpeza, né? Das camas, lavava aquelas camas todas quando saía um paciente, colocava o paciente no lugar, trocava as roupas de cama, ia na lavanderia também, aquele material também a gente punha tudo pra desinfetar pra poder autoclavar, depois de lavado é que a gente autoclavava. O material todo de cirurgia era responsabilidade da gente, a gente dobrava tudo direitinho, colocava tudo nos tambores, esterilizava tudo, gazes também, tudo era com a gente. Passar o ferro também era com a maior dificuldade com os médicos, né? Eles gostavam que a gente passasse os ferros pra ele, né? Chamava a ... era a, esqui...

G.: Instrumentação cirúrgica, instrumentação cirúrgica?

I.: É, é. Então eles faziam, eles gostavam, principalmente no Pronto Socorro, eles gostavam muito por que agilizava, né, as cirurgias, porque no Pronto Socorro tinha muita cirurgia.

G.: Como que era o relacionamento das alunas de Enfermagem com os alunos da medicina ou de outros cursos, com os médicos, com os professores, como que era?

I.: Ah, o relacionamento era muito assim, fechado, né? A gente não tinha muito relacionamento com os estudantes, né? Por que, até por que sempre estava acompanhado com uma das freiras, né? Então, isso não era permitido. Com os médicos também o re, o relacionamento era assim muito democrático, né?

G.: Alguma situação, assim de, alguma paquera, alguma coisa que aconteceu que chamou atenção, nesses relacionamentos?

I.: Nada. Quando falava que a gente era bonita, a gente fazia de conta que não escutou [risos] que não deu ouvido, não é?

V.: Nenhuma brincadeira mais...

I.: Não brincava não, no serviço não se brinca, né? A gente aprendeu isso, que no serviço não é lugar de brincar, era muito rigoroso, viu o curso de Enfermagem era rigorosíssimo.

G.: É, qual o estágio que você mais gostou?

I.: O estágio que eu mais gostei (...)

G.: O estágio ou de trabalhar com o, quais os pacientes que a senhora mais gostava, que tipo de paciente, de hospital?

I.: Eu gostava de trabalhar com as crianças, gostava muito das crianças, gostava de trabalhar com as crianças, gostava muito de hospital de crianças, sabe? As crianças pediam a gente muitas coisas, a gente levava pra eles, tinha muita dó deles, quando chegava de noite que eles estavam sentindo frio. Quantas vezes chegou menino doente, a gente punha o avental da gente por que não tinha nenhum.

V.: Nada para cobrir?

I.: Nada pra cobrir, né? Ficava tudo fechado, o hospital não era da gente, né? A gente estava ali só pra poder ensinar pras alunas, né? Então...

G.: Algum, alguma criança em especial ou um outro paciente que...

I.: Não. O que mais me impressionou nesse serviço foi o fogo selvagem, aparecia muita criança com fogo selvagem. E a gente tinha que fazer curativos naquele tempo, né? Fazer curativo nas crianças e eu ficava com muita pena daquelas crianças, e ficava rezando pra aparecer um meio de curar aquilo, né? Eu não sei isso tem cura hoje em dia, se... aquilo, naquele tempo, fogo selvagem era como a AIDS hoje em dia, não é? A pessoa tinha pavor. Eu não sei como, que como, aquelas crianças pegavam fogo selvagem, apareciam crianças com fogo selvagem e aquelas feridas pelo corpo deviam doer muito, né?

V.: E, nesse período, teve alguma, algum surto de alguma doença, tipo, alguma história assim, você se lembra?

I.: Não. Naquela ocasião era a tuberculose que era o bicho papão, né?

V.: Todo mundo tinha medo?

I.: Tinha medo de, da tuberculose, né? Naquela ocasião todo mundo tinha medo da tuberculose.

G.: Ô Inês, fala pra gente um pouquinho das suas colegas de curso. Como que era o relacionamento com elas?

I.: A gente tinha um bom relacionamento, né? Mas não tinha muito tempo porque a dona Waleska punha o hospital pra gente trabalhar e o hospital era uma responsabilidade enorme, né? Então, a gente não tinha quase tempo nem de conversar, né? Por que uma estava na sala de parto, outra no berçário, né? Uma faltou você tem que substituir, não é? Uma adoeceu, vai embora pra casa, e você tem que substituir aquela. E as alunas eram poucas, não é? E o hospital muito grande e muito trabalhoso, né? O hospital, o Pronto Socorro era trabalhoso, esse hospital do, da prefeitura era muito trabalhoso também, né? Muita responsabilidade. As donas chegavam, assim, por exemplo, já com hemorragia, né? E, dava muito trabalho, né? Tinha que colocar soro, tinha que colocar sangue e a gente é que providenciava aquilo tudo, né? punha tudo na bandeja, tinha que por tudo naquelas bandejas, sabe como é que é? Com aquelas gazesinhas, com a agulha, tudo especial, tudo arrumadinho, né? E as vezes o médico não achava a veia, ficava procurando toda vida, ele te pedia pra ver se você achava a veia, você pegava a veia, eu era muito craque pra pegar a veia, as vezes eles me chamavam, eu estava longe, eles me chamavam pra pegar uma veia.

V.: Em, em que mais você era craque [risos] além de pegar veia? Em que mais? [risos].

I.: Eu era muito amiga das alunas, né? As alunas gostavam muito de mim, porque eu era muito amiga delas.

G.: Tá. Falando ainda de, das alunas da escola, é, porque que, as alunas desistiam do curso? Quais os motivos que faziam várias alunas desistir do curso?

I.: É, por que era preciso de ter muita vocação mesmo, né? Porque já começava assim, né? não começava como aluna, começava assim trabalhando mesmo, ali no duro, né? Substituindo, né? Por exemplo, se a aluna fosse só pra observar mas não era pra observar, era pra trabalhar. Era pra dar banho no paciente...

G.: Então, você acha que é o serviço duro é que faziam ela desistir?

I.: É. Era pra dar banho no paciente. É, era pra tudo. Na hora da alimentação, se não quisesse alimentar, você tinha que dá alimentação. Quer dizer, tinha que ter muita boa vontade, mesmo pra fazer o curso. Não era só observar, as pessoas diziam: "Ah! Vou fazer um curso só pra observar não!" Tinha que fazer o parto, né? O médico não estava tinha que fazer o, parto, né?

G.: Houve caso de aluna que foi suspensa?

I.: Eu não me lembro de aluna nenhuma não que foi suspensa não. Só eu que fiquei gangorrandando no parque. [risos]

V.: Como é que era a Waleska Paixão?

I.: Waleska Paixão era uma criatura muito religiosa e muito caridosa. Ela era uma criatura muito boa. Ah, ela adorava esta escola, tinha muito zelo pela escola.

V.: Muitos...

I.: Zelo pela escola.

V.: Zelo?

I.: Zelava muito pela escola. Era muito amiga das alunas. Agora tinha uma aula que todo mundo gostava muito, era a aula de religião com o Padre Negromonte.

G.: Fala um pouquinho pra gente dessas aulas e da vida religiosa aqui da escola.

I.: A vida religiosa na escola era a religião católica, né? E esse padre Álvaro Negromonte, era ótimo professor, parece que ele nasceu pra dá aula, né? E ele sabia a bíblia de cor e salteado e ensinava a gente com muita simplicidade, entendeu? Ele, por exemplo, perguntava assim: "como que nós vamos provar que nosso senhor Jesus Cristo, assim, morreu, né? Então, eu falei assim; "será fácil, só a quantidade de ramos que colocou, deixou assim no caixão, só aquilo dava pra matar ele." "Ah, sim muito bem dona Inês" [risos]. Quer dizer, ele era muito simples, né? Muito simples.

V.: Senhora se lembra de, da irmã da Waleska Paixão?

I.: Não, não...

V.: Não era, não foi do período da senhora não?

I.: Não, não foi do meu período.

G.: As, as alunas prestavam além dos estágios, é, nos hospitais, as alunas faziam algum plantão particular?

I.: As alunas faziam. Uma vez eu fiz no hospital de louco, eu dei uma, plantão, pra uma, uma menina que estava louca, né?

V.: Aluna?

I.: Não. Uma aluna particular. Ela estava louca, né? Então, eu fui dá plantão lá, fiquei lá pertinho dela pra dá alimentação. Ela andava, rodava, rodava, eu dava um pouquinho de alimentação, sabe? Conversava com ela, essas coisas assim, mas eu fui só uma vez.

V.: Senhora recebeu?

I.: Se eu recebi? Não, dessa vez é, eu nem, acho que eu nem recebi nada não. Mas, depois houve um questionamento, eu não sei como, que ninguém mais dava plantão mais por fora, só dava plantão em cima dos estágios.

G.: Que questionamento que foi esse?

I.: Eu não sei. Eu, eu nem fiquei sabendo porque eu já estava fora da escola quando aconteceu isso. Soube que ninguém mais dava plantão. Mas, o plantão era assim: quem queria, que se inscrevia para o plantão. Quem queria ganhar dinheiro, se inscrevia naquele plantão. Não era assim, obrigatório não, não fazia parte.

G.: Naquela época, é, existia algum aluno do sexo masculino? Houve interesse por parte de algum aluno, de algum homem se candidatar pro curso?

I.: Não, quando eu, quando estava nunca houve não.

G.: Como que era essa situação do atendimento ao paciente homem no hospital, senhora disse que tinha os homens lá que faziam curativo. Quem é que treinava esses homens?

I.: Esses é, eram chamados assim, curiosos, eles eram os curiosos. Eles não tinham curso nenhum, né? Então, eles ficavam lá, mas eles não entendiam muito da coisa e quem, quem ficava nas salas de cirurgia era as enfermeiras, eles não ficavam, tanto faz atender homem como mulher era as enfermeiras, né? E, no mais, quem fazia a limpeza lá era a mulher. Raramente tinha homem, né? No Pronto Socorro é que tinha alguns homens.

G.: E as festas na escola no seu tempo de aluna, que festas que tinham?

I.: Eu, eu não me lembro de festa nenhuma, não faziam festa nenhuma. Não me lembro de festa nenhuma.

V.: À noite, não tinha nada na escola, no internato?

I.: Não.

V.: Não, no seu período?

I.: No meu período não tinha nada.

V.: E na época do aniversário da escola, senhora não se lembra de nenhuma festa, que a Lais veio?

I.: Ah! Acho que não foi no meu tempo, não.

V.: Não foi no seu tempo?

I.: Não foi no meu tempo, não me lembro de nenhuma festa não.

V.: Senhora então, não se lembra de nenhuma comemoração por ocasião do aniversário da escola?

I.: Não.

G.: E a participação da escola em, é, em eventos, por exemplo, Semana da Enfermagem, festas religiosas? A escola participava fora de alguma atividade?

I.: Em Congresso a escola ia. Eu fiz parte de muitos congressos, de, também depois que a gente formou também, além de congressos tinha muito curso, né? Eu fiz muito curso.

G.: Que cursos que a senhora fez?

I.: Eu fiz uma porção de curso.

V.: Depois de formada né?

I.: Depois de formada. (a entrevistada mostra alguns documentos dos cursos).

G.: Depois a gente vê essa parte ai um pouquinho. Antes, vamos ver aqui uma coisa: senhora ficou sabendo do curso de enfermagem por meio de um jornal, né? Como a escola, quem que divulgava isso no jornal?

I.: A escola, né?

G.: Tinha alguma pessoa em especial que, que fazia a escola ser notícia ai fora que divulgava? Quem que divulgava a escola?

I.: Quem divulgava a escola era só o jornal, dona Waleska mandava pôr no jornal, divulgava o jornal. E lá fora ela ia fazer entrevistas, né? Ia expor como que era a escola e tal. Por isso, que sempre vinha mais aluna do interior do que na capital., né? Porque aqui na capital acho que ela não fazia muito...

V.: Divulgação?

I.: Divulgação não.

G.: Vocês se lembra de uma época que a escola teve um, uma organização das alunas, é, ou alguma greve, ou alguma, alguma forma de organização das alunas que teve alguma luta pra alguma coisa?

I.: Não, eu não me lembro, me lembro só que houve um, um movimento assim, só que eu não fazia mais esse serviço particular, acho que ninguém mais fazia esse serviço particular.

V.: Senhora já estava formada?

I.: Eu já estava formada.

V.: Foi no período das freiras, ou não se lembra?

I.: Não. Foi no período da...

V.: Waleska.

I.: Waleska, da Waleska. Primeiro sumiu a Primavera, depois sumiu a Waleska, né?

G.: Fala desse sumiço pra nós, das duas.

I.: Eu não sei, por que eu já não estava mais na escola, né? Estava mais aqui, não estava mais na escola. Eu soube que dona Waleska não estava mais na escola. Primeiro foi dona Primavera, depois foi dona Waleska.

G.: As pessoas comentaram os motivos?

I.: Não. Comentaram os motivos não. Só que elas tinham saído e, depois, as irmãs é que ficaram, né? As irmãs São Vicente.

G.: Antes das irmãs, fala pra gente da formatura da senhora, do que a senhora se lembra. Como que foi a festa?

I.: A formatura era muito simples. Chamamos uns médicos. Foi lá na secretaria de saúde, né? Formou duas turmas, uma, a, minha, tive com outra....

V.: Foi junta a formatura das duas turmas?

I.: Foi junta a formatura das duas turmas, foram juntas. E...

V.: Por que?

I.: Por que a minha turma só tinha três, né, então, teve que esperar a outra turma, a outra turma formar, que era pra gente receber o diploma pra ser mais, o número ser maior, pra não fazer uma festa pra três, né?

V.: Entendi.

I.: E, ali, fazia um discurso, né? Recebia o diploma e pronto. Não tinha mais nada não.

V.: Formaram três? Quantas começaram?

I.: Nós começamos, tinha umas, umas dez, formamos três.

V.: Senhora sabe, lembra por que essas sete desistiram do curso?

I.: A gente não ficava sabendo não.

V.: Não? De repente sumia uma?

I.: Sumia uma, depois sumia outra. Ninguém comentava, ninguém falava nada.

V.: E vocês não ficavam curiosas não?

I.: Ficávamos curiosos, mas não tinha jeito de saber o porquê, né? Tudo era...

V.: Não tinha abertura?

I.: Não tinha abertura,. Ninguém ficava sabendo.

G.: Ô Inês, depois que você se formou, você se sentiu preparada para atuar como enfermeira?

I.: Senti muita dificuldade, né? Porque era muita responsabilidade.

G.: Fala então, pra gente agora sobre sua vida como enfermeira, seu primeiro emprego depois que saiu da, que se formou, fala pra gente.

I.: O meu primeiro emprego foi, foi ser instrutora na Carlos Chagas, né? Substituindo essa, essa dona, essa que [vocês falaram ai], esqueci o nome dela.

G.: Flora Mesentier?

I.: Foi substituindo essa que eu fiquei, né? E eu ficava numa situação muito instável, né? Por que eu era substituta, não é isso? Mesmo assim eu fiquei muito tempo. Depois eu soube que ela desistiu, eu fui nomeada. Pro lugar dela, né? Mas, a gente precisava de ficar sempre muito atualizada, precisava de comprar livros, estudar, a escola não tinha nenhuma biblioteca boa pra gente pegar os livros e estudar, né? E, livro custava dinheiro, a gente ganhava pouco, né? Aí, eu fiquei sabendo que, que ia ter a, o, que ia começar o serviço no INPS, né? Mas era de auxiliar de enfermagem. Então, eu fui fazer o curso, fui lá fazer o concurso pra auxiliar de enfermagem, né? Passei assim na sala, peguei o papel e ela falou assim: “dona Inês, senhora veio pra fiscalizar a prova, o serviço?” [risos]. Sentei lá na última carteira, e, entreguei, chamei o moço, entreguei ele a prova, né? E passei, né? Aí, cheguei, cheguei, eles falaram assim, falaram comigo

na minha frente, “senhora tirou o primeiro lugar aí.” Ai eu falei assim: “muito obrigado.” Ai eles falaram assim: “senhora vai começar que dia?” Eu fui lá na escola falar que não ia mais, tinha que dá uns diazinhos, né? E tinha que voltar pra lá, eu tinha folga só de sete dias, né?

G.: Fala pra gente por que quê a senhora deixou de ser instrutora na Carlos Chagas para fazer o concurso de auxiliar de enfermagem ?

I.: Porque, auxiliar de enfermagem ganhava mais que uma instrutora na Carlos Chagas. Então, interessava o dinheiro, né? E também eu ia sair daquela coisa de hospital, né? Por que eu estava, eu estava fazendo estágio no hospital, né? E o estágio no hospital era com as alunas, era muito duro, né? A gente ficar responsável por um hospital.

V.: Nessa época era o Municipal?

I.: Era o Municipal. Então, teve que arranjar uma outra pessoa para meu lugar, né? Eu liguei no outro dia e fui embora pra lá. E tinha nesse intervalo eu fui levar a papelada, né? Que eles pediram, quando cheguei lá que meu diploma era de enfermeira, o moço olhou pra mim de baixo em cima, falou pra mim: “dona Inês, porque que a senhora veio assim, porque que a senhora como profissional veio, aqui ser auxiliar de enfermagem? E ainda mais no posto que a senhora tem lá na escola ?” Falei assim, eu, e eu não acredito não. Eu falei: “eu vim sim porque eu estou cansada de hospital, hospital que não tem condições, não tem uma gaze, não tem um esparadrapo, né? Isso tudo é muito ruim quando você vai fazer um curativo, né? Ou então, você vai ensinar fazer um curativo, você não tem condições pra ensinar, né? Você fica em dificuldade.” Ai falei com ele : “não, eu vou ficar.” “senhora pensou bem?” Eu falei: “pensei.” E fiquei, sabe? Lá. Apesar de eu ter...

V.: Pra onde a senhora foi?

I.: Para o ex IAPI não é? Naquela ocasião era dividido assim, eu fui para o ex IAPI. Era só o, os associados, depois passou para a família dos associados sem condição, né?

V.: Era só ambulatório?

I.: É, só ambulatório. E serviço de ambulatório era fácil.

G.: Como que era esse serviço?

I.: Serviço é...

G.: O que a senhora fazia?

I.: O serviço, o paciente chega, você faz a ficha pra pôr no consultório, tive que ensinar aquelas auxiliares de enfermagem fazer as fichas, né? Colocar cada uma no seu lugar, ensinar como que fazia a ficha.

V.: Lá, senhora ficou com a função de enfermeira ou de auxiliar de enfermagem?

I.: De auxiliar de enfermagem.

V.: Ganhando como auxiliar?

I.: É. ele já logo me deu essa função de ficar olhando as outras, né? Depois que começou a atender a família do associado, né? Então, eu passei a, a ser chefe do serviço de enfermagem.

G.: Aí, a senhora começou receber como enfermeira?

I.: É. Como enfermeira e como chefe do serviço de enfermagem.

V.: No posto do IAPI?

I.: No posto do IAPI.

V.: Onde que era?

I.: O posto de IAPI, era, deixa eu ver se me lembro onde que era...

V.: Que bairro?

I.: (...) era no centro da cidade...

G.: Senhora lembra quanto tempo senhora ficou como instrutora da escola, quanto tempo?

I.: Eu fiquei uns sete anos, né?

V.: Quando a senhora deixou de ser instrutora, senhora fez esse concurso, a Waleska estava aqui ainda ou já tinha ido embora?

I.: Já tinha ido embora.

V.: Quem era a diretora na época, então era a irmã?

I.: As irmãs.

V.: Como que era o relacionamento com as irmãs, com a irmã Villac, no caso?

I.: A irmã Villac era muito boa, muito compreensiva. E todo, mas não, não era a mesma coisa, né?...

V.: O quê que era diferente?

I.: Eu acha, eu achava assim, era mais fechado não é? As irmãs são mais fechadas e, logo ela punha na chefia as irmãs, né? Punha as irmãs observando a gente, né? Não tinha aquela confiança que a Waleska tinha na gente, né? Então, a gente tinha era que sair mesmo.

V.: Muitas saíram?

I.: Algumas saíram e saíram mais motivadas, assim, porque o INPS começou a crescer, né? O INPS começou a crescer assim, dentro de cada um, né? Tinha os bancários, tinha os ferroviários, cada um, então, cada uma ia lá, fazia sua inscrição, né? E começava a trabalhar lá, e ganhava muito mais, né? E foi ficando assim. Depois uniu tudo, né? Quando uniu tudo eu falei assim “agora eu não vou ficar chefe disso aqui, né?” Mas por falta de sorte fiquei chefiando [risos].

G.: Por quanto tempo senhora ficou chefe lá?

I.: Eu fiquei até completar dez anos. Porque era muito difícil chefiar o INPS, né? Porque foram pondo muita gente lá dentro sem condições, né? Começou a mesma coisa que hospital, né? Você começa a atender, não tem condições. E o INPS não tinha condições pra atendimento, né? Eu fiquei dez anos, quase dez anos eu pedi a minha retirada e fui trabalhar lá no posto pertinho de casa.

V.: Um pouquinho antes, quem trabalhava com a senhora nessa época, no INPS ou no IAPI, alguma outra enfermeira, alguma colega?

I.: As enfermeiras foram, depois veio o concurso de enfermagem, né? pra enfermeiras, tinha concurso pra enfermeiras. Mas eu não fiz concurso não, eu já era enfermeira.

V.: Sim, senhora se lembra de alguém...

I.: Já tinha me nomeado pra enfermeira, pra que eu ia fazer o concurso, estudar e tudo. Aí tinha muitas, muitas enfermeiras, eu não me lembro muito do nome delas não. Lembro da Maria Antônia, Maria Antônia chefiava o serviço de pré-natal. Depois que a Maria Antônia chefiou o serviço de pré-natal, que saiu, eu chefiar o serviço de pré-natal, me chamaram, né? Eu estava lá, não queria chefiar ai me deram outra vez a chefia. Fiquei no serviço de pré-natal um bom tempo, depois pedi demissão, saí do serviço de pré-natal, não queria mesmo ser chefe. E fui lá pro posto, fiquei lá perto de casa, né, no posto. Mesmo assim, quando a enfermeira saía de férias, eu que tinha que chefiar, eu não sei porque que eu nasci pra ser chefe [risos].

V.: Pra chefiar?

I.: Chefiar.

V.: Inês, voltando só um pouquinho atrás, novamente, no tempo que a senhora era professora, senhora se lembra de alguma aluna em especial, por exemplo, dona Izaltina que depois veio aqui pra escola, dona Rosária, senhora lembra delas como estudantes?

I.: Lembro, lembra das duas como estudante. Eram ótimas. Tinha um lactário também, que a gente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), então, a dona Waleska me pôs chefe lá daquele... e eu recebia tanto de um como do outro, né, e ali era pra esterilizar mamadeira, fazer o mingau tinha quem fizesse, mas tudo eu que tinha que olhar. Como que fazia o mingau. Pra cada, cada menino tinha um mingau diferente, né? Então, tinha que ensinar as alunas como que fazia o mingau, esterilizava aquelas mamadeiras todas, tampava tudo, colocava o nome da criança, a mãe levava tudo prontinho pra casa. Depois acabou isso. Fechou, o posto, né?

G.: Você aposentou foi quando?

I.: Em 1980.

G.: Durante esse tempo, você trabalhando tanto no IAPI, no INPS, no posto de saúde, né? Perto da sua casa, você participou de algum curso de atualização?

I.: Participei, eu não sei de cor, mas eu tenho aqui (mostra o certificado dos cursos).

G.: Tem os cursos?

I.: Tem todos aqui.

[FINAL FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

V.: Nós temos aqui vários cursos que você fez, né Inês? De, de chefia, de liderança, de 62, 63, 64, 65. Tem uns aqui de, do congresso, fala pra gente como é que você, você era sócia da ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem), como que era sua relação com a entidade de classe na época?

I.: É, a, a relação era boa. A ABEn mandava pro instituto o convite, né? E eles mandavam a gente representar. A gente ia sempre representando o instituto.

V.: Nos congressos?

I.: Nos congressos.

V.: Você participou de alguma diretoria da, da ABEn?

I.: Não.

V.: Você só foi sócia depois de formada ou tinha alguma coisa a haver com a ABEn, por exemplo, em 49, em 47 a Waleska fundou a associação. Você se lembra desse período, de alguma coisa?

I.: Lembro. A gente ficou sócia da associação, só isso.

V.: Mas não tinha um trabalho efetivo lá não?

I.: Não.

V.: O quê que a ABEn fazia na época, cursos?

I.: Ela fazia muito cursos e, palestras, fazia muitas palestras as enfermeiras, depois foi diminuindo, né? A ABEn foi diminuindo, foi diminuindo. Depois da saída da Waleska não ficou tão assim como era, né? Mas foi continuando a ABEn, foi continuando.

V.: Depois, você se lembra da Marina de Andrade?

I.: Lembro.

V.: Fala pra gente um pouco o que você se lembra dela?

I.: Eu lembro muito pouco da Marina.

V.: Quando ela veio aqui pra Belo Horizonte, doente, você se lembra, não?

I.: Não.

V.: Não, né? É, tem esse Congresso de 64 que você participou em Salvador (BA), outros Congressos você participou, você se lembra alguma coisa especial?

I.: É, tem, tem muitos. Eu ia sempre representando, né?

V.: Entidade?

I.: A entidade. Teve uma ocasião que quem foi representar no meu lugar, e ela morreu no caminho. Eu esqueci o nome dela.

V.: De quê que ela morreu?

I.: Sofreu um desastre de caminhão e ela morreu, né? Aí eles falaram: “vai a senhora ou vai dona Zilda” acho que ela chamava Zilda, né? “Vai dona Zilda.” Aí eu falei assim: “eu não vou não” porque o meu filho estava com asma, né? Então, eu não quis

ir, ela foi, mas no caminho teve um desastre com ela, ela morreu no caminho, ela era muito minha amiga.

V.: Com relação ao Conselho [Regional] de Enfermagem, a senhora participou de alguma coisa?

I.: Não, Conselho de Enfermagem não.

V.: Sindicato também não?

I.: Sindicato também não.

G.: Como que você vê a enfermagem hoje, hein Inês?

I.: Eu acho que, a Enfermagem hoje em dia tem um outro caráter, né? Não é aquele caráter antigo, né? A Enfermagem hoje deve ter progredido muito, né? Porque as coisas todas se renovam (inaudível), né? E eu acho que aquela maneira era muito arcaica pra ter ela até hoje. Já deve ter evoluído muito. Só de ter essa escola aqui, desse porte, né? E deve ter muitas alunas, não, não, não sei se o sexo feminino também se interessa hoje em dia. Não sei como que é.

G.: A gente tem aí sempre, uns três a meia dúzia, cada turma, mais ou menos.

V.: De homens, né?

G.: De homens.

V.: A maioria é mulher ainda.

G.: É. A média da turma tá em torno de 35, 40 alunos.

I.: Então, tá ótimo.

G.: Esse semestre a gente tem 45 alunos formando. Dá 80 por ano, mais ou menos.

I.: Deve ter evoluído muito, porque a medicina evoluiu muito, né? Tudo em Medicina evoluiu, se a gente não acompanha, né? Por exemplo, estou atrasadíssima em medicina porque há muito tempo aposentada, né? Só assisto as palestras pela televisão. Às vezes, eu fico interessada com as palestras. Sei que tudo já tá muito, né, adiantado. Catarata hoje em dia já faz com muita facilidade que no meu tempo não fazia com essa facilidade, né? A pessoa ficava oito dias deitada com a catarata. Hoje em dia, faz no outro dia a pessoa tá indo pra casa, né? Tudo felizmente evoluiu, e evoluiu muito mesmo.

G.: Se você tivesse que fazer, optar hoje de novo pra fazer enfermagem, você faria de novo, naquela época que você leu o jornal?

I.: Ah, não!

G.: Não faria?

I.: Não, não faria mais não.

V.: Por que Inês?

I.: Eu não faria mais enfermagem por que se naquele tempo era muito difícil, né? Hoje em dia então, a pessoa precisa de estar, né? Com, com uma ótima cabeça e muito boa vontade, né? Pra fazer o curso de enfermagem, porque tem que estudar muito, tem que ler muito, tem que preparar muito para ser uma boa enfermeira, por que eu não queria ser uma enfermeira qualquer, eu sempre fui muito orgulhosa e queria ser a tal [risos].

V.: Estava falando que mudou muito a Enfermagem, mas como que era o conceito que as pessoas, que a sociedade tinha da Enfermagem no seu tempo?

I.: No meu tempo tinha o conceito assim: "Enfermeira é mulher de médico", né? É gente que não presta, né? No meu tempo conceito de enfermagem era esse, né? E tanto é, quando eu casei, né? O pessoal do meu marido não queria que ele casasse comigo porque enfermeira é mulher de médico, entendeu? Tinha esse preconceito ainda quando eu casei, né? Em cinqüenta e tanto, cinqüenta e um, já tinha esse preconceito, né? Hoje em dia não tem mais esse preconceito, né? A Enfermagem está em cima, felizmente, né? Hoje em dia a gente fala que é enfermeira, pode falar com todo mundo, que todo mundo aceita, elogia, né? Mas antigamente não tinha elogio não.

V.: O que você faz agora, depois que, que você começou a fazer depois que aposentou, que tipo de atividade?

I.: Eu?

V.: É.

I.: Eu fui pra roça, descansei bastante, eu tinha, tenho uma, minha amiga que ela tem uma fazenda em Ibiá, né? Fui lá, descansei bastante, voltei. Eu pretendia assim, por exemplo, ajudar em alguma instituição. Mas minha mãe ficou muito doente, meu pai, eu tinha muita obrigação em casa, né? E depois que eu desanimei assim, sabe? Fiquei de pressão alta também, sabe, dependendo de bastante cuidado e, não entrei para ajudar não.

G.: Oh, Inês! Você quer comentar mais alguma coisa que você, veio a sua memória depois dessa conversa?

I.: Não, eu acho que, eu acho muito bom que tenha evoluído demais, gostei muito de ver que a enfermagem está muito bem, muito bem instalada, né? Porque a gente tinha muita dificuldade com instalação, né?

V.: Temos ainda [risos]. Olha onde que nós estamos fazendo a entrevista com você.

G.: No laboratório de técnica da enfermagem da escola. Inês, mas então, a gente agradece você, tá? Pela sua participação.

I.: Eu que tenho que agradecer vocês.

[FINAL FITA 2 LADO A]

[A FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADA]

[FINAL DA ENTREVISTA]

Ficha Técnica

Data da entrevista: 10 de outubro de 1997

Local: Escola de Enfermagem da UFMG - Belo Horizonte/MG

Número de Fitas: 02

Duração da Entrevista: 90 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Andréa Oscar

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira